

Quarteto de Cordas de Matosinhos

18 Out 2022
19:30 Sala 2

Joseph Haydn

Quarteto de cordas em Sol maior, op. 17 n.º 5

(1771; c. 20min)

1. Moderato
2. Menuet: Allegretto — Trio
3. Adagio
4. Finale: Presto

Edvard Grieg

Quarteto de cordas n.º 1 em Sol menor, op. 27

(1877; c. 36min)

1. Un poco andante — Allegro molto ed agitato
2. Romanze: Andantino — Allegro agitato
3. Intermezzo: Allegro molto marcato — Allegro agitato
4. Finale: Lento — Presto al saltarello

O Quarteto de cordas assume-se como o género instrumental de câmara mais relevante do período clássico, a partir da segunda metade do séc. XVIII. A sua história está ligada a **Joseph Haydn** (1732-1809), compositor que o impulsionou e lhe concedeu relevância e visibilidade nos mais cultos circuitos musicais, influenciando outros nomes do Classicismo vienense como Mozart ou Beethoven. Todavia, as composições para quarteto de cordas assumiram, inicialmente, outras designações, como 'Divertimento' ou 'Serenade'. Numa perspectiva histórica, encontramos composições do género em 1757, por Franz Xaver Richter (1709-1789), que compôs um conjunto de quartetos de cordas assim designados; ou Luigi Boccherini (1743-1805), que compôs em 1761 o Quarteto de cordas op. 2, em Dó menor, em Viena. Com interesse neste género emergente, Haydn dedicou-se à composição dos seus primeiros Quartetos (op. 1 e op. 2) entre 1757 e 1762. Este período coincide, a partir de 1761, com o início de funções como vice-mestre de capela de Esterházy, a convite do Príncipe Paul Anton. Em 1766, ascendeu a mestre de capela após a morte do anterior titular do cargo, Gregor Werner.

Para Haydn, os instrumentos de cordas permitiam explorar o sentido melódico individual e do conjunto, assim como aspectos de textura, estrutura e forma de modo mais subtil e refinado. Se o conjunto sinfónico lhe permitiu a expansão sonora e o contraste tímbrico dos vários instrumentos musicais, mas também refletir sobre aspectos formais e de estrutura alocados à sinfonia, o quarteto de cordas possibilitou a exploração de sonoridades

mais intimistas, trabalhando de outra forma os materiais musicais. É considerado, por isso, o "pai" do quarteto de cordas — não no sentido de ter criado o género, como vimos anteriormente, mas por a ele se ter dedicado com afinco, estabilizando aspectos da sua estrutura e forma. Ao longo da sua vida, compôs 68 quartetos de cordas, sendo que durante algum tempo existiram dúvidas quanto à autoria de alguns deles (como os op. 3).

Os 6 Quartetos de cordas op. 17 — também referidos em algumas fontes como Divertimentos — foram compostos em 1771 e publicados no ano seguinte em Amesterdão, Paris e outras cidades europeias, revelando o estatuto que o compositor alcançara neste período. Estes quartetos, tal como os op. 9, apesar de nem sempre destacados na sua produção, têm sido apontados por especialistas como relevantes na afirmação das linhas gerais de estrutura, forma e maturidade musical do género. O Quarteto de cordas n.º 5, em Sol maior, assume a estrutura de quatro andamentos característica do género: Moderato; Menuet (Allegretto); Adagio; e Finale (Presto).

O primeiro andamento, o mais longo, inicia-se de forma firme e vigorosa, com um tema pontuado no primeiro violino, prontamente acompanhado pelos restantes instrumentos e aproveitando depois os contrastes dinâmicos. O destaque dado ao violino, de resto comum a vários quartetos de Haydn compostos neste período, é ainda mais notório no desenvolvimento: sabe-se que o compositor contava na sua orquestra com o ilustre violinista italiano Luigi Tomasini. Ao nível formal, Haydn opta por um desenvolvimento longo, precipitando depois a recapitulação, mais condensada. O segundo andamento (ABA) oferece um minueto com um motivo repetido várias vezes em estilo imitativo; segue-se o trio com o *stacatto* no tema do primeiro violino, regressando depois ao minueto. O "Adagio" introduz o violino num ambiente lírico, quase operático, com um contraste entre arioso e recitativo, momentos mais expressivos e dramáticos. O quarteto termina com um "Presto", com material temático nos dois violinos que contrastam com o pequeno motivo rápido na viola. O primeiro violino ganha depois algum destaque, num ambiente vivo e corrido.

A produção musical do compositor norueguês **Edvard Grieg** (1843-1907) ficou essencialmente ligada à música para piano, instrumento para o qual compôs proficuamente. Em particular, o seu Concerto para piano e orquestra em Lá menor, op. 16, encontra-se entre as suas obras mais interpretadas, integrando o repertório de muitos pianistas e orquestras.

Com apenas 15 anos, Grieg ingressou no Conservatório de Leipzig, onde estudou piano e composição e acedeu ao estudo dos principais nomes e correntes da história da música erudita ocidental. Apesar das aprendizagens e do domínio alcançado, Grieg confessaria que não encontrara ainda a sua individualidade e linguagem musical. A busca por um estilo mais individual passaria, entre outros caminhos, pelo nacionalismo musical, com o uso de elementos da música tradicional norueguesa e pela exploração da sua linguagem harmónica e dos seus aspectos formais.

Foi nos anos 60 que Grieg se afirmou como compositor, em particular com a visibilidade que o seu Concerto para piano e orquestra (1868) alcançara. Franz Liszt, por exemplo, escreveu a recomendar a atribuição de uma bolsa para que viajasse para Itália — acabaria por conhecê-lo em Roma, em 1870. É ainda no início da década de 1860 que o compositor se dedica ao seu primeiro quarteto de cordas, obra que, entretanto, se perdeu. O Quarteto de cordas em Sol menor constitui, por isso, a sua segunda composição dentro do género e a única completa que sobrevive, uma vez que o compositor não completaria o Quarteto em Fá maior, o n.º 3, do qual apenas conhecemos dois andamentos.

A composição do Quarteto em Sol menor teve lugar entre 1877-78, em Hardanger, uma zona rural para onde Grieg e Nina, sua esposa, se deslocaram depois de anos intensos em Oslo. O empreendimento de completar a obra não foi fácil para o compositor, que teve alguns problemas com a selecção do material temático e de aspectos de estrutura e de forma. Grieg inspirou-se nas palavras de Ibsen e no tema que utilizara na composição de *Spillemænd*, op. 25 n.º 1, conferindo o ambiente poético em torno da ideia de um músico separado da sua amada. Utilizou também material temático e estruturante, que concede uma visão do quarteto como um todo orgânico, com relação entre os andamentos. Para alguns compositores seus contemporâneos, em especial Franz Liszt, o Quarteto constituía uma composição “admirável” e que o intrigava, principalmente pela inovação da linguagem musical utilizada. A obra distancia-se do modelo beethoveniano tardio, parecendo abrir caminho para abordagens mais modernas e que explorariam a continuidade e a fluidez entre os andamentos, sem lugar para “trivialidades”, como expressaria Grieg. O carácter inovador levou, inicialmente, à rejeição da publicação da obra pela casa editora Peters. O contratempo não desencorajou o compositor, que veria a obra estreada em Colónia, pelo Quarteto Heckmann, em Outubro de 1878.

O primeiro andamento inicia-se com um motivo introdutório de tom pungente, num recurso que explorara também no Concerto para piano e orquestra e que surgirá em vários momentos da obra, nos quatro andamentos. O ambiente agitado que se segue é caracterizado pela intensidade dramática conseguida pela textura instrumental e pelas dinâmicas fortes e contrastantes. Repare-se na secção final, na qual o compositor nos encaminha de um ambiente quase meditativo para uma vertiginosa conclusão. O segundo andamento, “Romanze: Andantino”, conduz-nos através de uma melodia *dolce* no violoncelo e depois uma secção agitada e densa, terminando de forma mais tranquila. O “Intermezzo: Allegro molto marcato” inicia-se com o motivo anteriormente utilizado, que imprime vigor a toda a secção, intercalado depois com uma parte

com características de um *scherzo*, mais leve. O “Finale”, último andamento, depois de uma introdução lenta com o motivo recorrente em destaque, desagua numa secção “Presto al Saltarello”, com reminiscências da dança originária de Itália mas também com influências de ritmos de danças nórdicas, conferindo vivacidade e movimento. A secção final, já em tonalidade maior, retoma o motivo do primeiro andamento, contrastando depois com o “presto” que conduz a obra a um termo imponente.

PEDRO RUSSO MOREIRA, 2022

Quarteto de Cordas de Matosinhos

Vítor Vieira violino

Juan Maggiorani violino

Jorge Alves viola

Marco Pereira violoncelo

Aclamado como um “caso singular de excelência no panorama musical português” (Diana Ferreira, *Público*, 2010), o Quarteto de Cordas de Matosinhos (QCM) foi criado pela Câmara Municipal de Matosinhos através de um concurso público. Desde 2008 é residente desta cidade, onde desenvolve uma temporada regular de concertos.

Na temporada de 2014/15, o QCM foi escolhido como uma das ECHO Rising Stars, por nomeação da Casa da Música e da Fundação Gulbenkian, realizando uma tournée de 16 concertos em importantes salas de concertos europeias. Apresenta-se também regularmente nos principais palcos do nosso país e colabora com alguns dos mais destacados músicos portugueses, tais como Pedro Burmester, António Rosado, Miguel Borges Coelho, António Saiote, Paulo Gaio Lima e Pedro Carneiro.

Desde a sua criação, o QCM assumiu um forte compromisso com o repertório português para quarteto de cordas, interpretando muitas obras menos conhecidas e abraçando novas obras de compositores contemporâneos: estreou já mais de 20 novas obras. O outro principal objectivo artístico do QCM vem sendo cumprido com a interpretação em Matosinhos do grande repertório para quarteto de cordas: as obras completas de Mozart e Mendelssohn foram já apresentadas, estando em curso as integrais de Haydn, Beethoven e Chostakovitch.

O QCM e os seus membros foram reconhecidos com prémios nos mais importantes concursos musicais nacionais, como o Prémio Jovens Músicos da RDP e o Concurso Internacional de Música de Câmara “Cidade de Alcobça”. Todos os membros estudaram na Academia Nacional Superior de Orquestra e aperfeiçoaram a sua arte em várias escolas de prestígio, incluindo a Escuela Superior de Música Reina Sofía (Madrid), a Northwestern University (Chicago) e o Conservatório de Sion (Suíça). O QCM também realizou formação especializada no Instituto Internacional de Música de Câmara de Madrid, onde estudou com Rainer Schmidt (violonista do Quarteto Hagen), além de trabalhar em masterclasses com membros de grandes quartetos de cordas, como Alban Berg, Lasalle, Emerson, Melos, Vermeer, Kopelman e Talich.